

## Não gosto (Quatro Conferências)

por Jorge Silva Melo

CONFERÊNCIA SEG 26 SETEMBRO

### Não gosto (dos críticos)

Quando, a propósito de *Shame* de Steve McQueen leio, no *Público*, uma recensão assinada pelo Vasco Câmara com o título “O artista plástico que já é um cineasta” (podia ser vice-versa e acertava no Pedro Costa?), fico a saber que o crítico sabe o que é o cinema antes de o esforçado artista ter conseguido cumprir as alíneas do formulário; que se congratula com a entrada do adolescente numa idade já sem as borbulhas de outras práticas; que o crítico guarda um inabalável saber (sabe o que são artes plásticas e sabe o que é cinema, a inveja que isso me faz). (Fiquei foi sem vontade de ver o filme, há-de ser igual ao *Ben-Hur*. Ou será à *Crónica de Anna Magdalena Bach*?)

Esta actividade, a do verificador, existe há muito. Pagavam-na os mecenas que queriam saber se o artista – sempre bêbedo, sempre adolescente, sempre fora das normas – respeitara a encomenda, se estava bem representada a cena descrita por Ovídio, se Diana de Poitiers tinha as maminhas na proporção certa, se a tragédia o era realmente ou se entrava algum criado (e havia de ser comédia, diziam-no os tratados...). Ainda subsiste nas obras públicas, na verificação de projectos arquitectónicos, empreitadas, vistorias. E ainda pode existir em práticas onde a existência de um programa é ainda crucial: o crítico verifica se as *Baladas* de Chopin são as que estão previstas, se o dó de peito é executado ou falseado, analisa as alterações ou flutuações, fala da execução da obra (da obra, quase nunca) e quase já não critica a obra acabadinha de compor, pois é, porque aí já não há preceitos que nos façam definir com precisão o caderno de encargos.

Pois foi, há muito que a lei caiu, já não há ordem nas artes, o Sol já não gira à volta do Vaticano, as maçãs caem das árvores, e até se vocifera contra a Eternidade e a sua imagem na terra, o Belo, essa “joy forever”, no dizer de Keats, que morreu tão novo.

Mas Deus só morreu (às mãos de Dostoiévsky, claro) muito tempo depois de a Dúvida se colocar no centro do pensamento estético (com Diderot? Com os Salons e os seus Recusados e Prémios? Com um novo comprador menos conde-duque e mais grossista-barão do liberalismo?). Bem podia Gaspar Simões (e como eu o lia sempre!) vociferar contra os não-romances que surgiam, imparáveis (quase todos péssimos, fulcrais alguns), o romance seguiu a sua lenta marcha, desfez-se. Como a cidade (e o romance é a cidade burguesa com os seus acessos e periferias) se desfez, atomizou-se – e se anularam as linhas de caminho de ferro e as voluptuosas gares que permitiram a sua venda e impressão, leitura.

É que as artes, uma a uma, foram-se libertando dos cânones, dos paradigmas, algumas deixaram mesmo de existir ou dormem, belas sem príncipe que as beije. Restará, de tudo isso, o ballet, onde há quem queira saber se a pirueta foi ou não cumprida, arte (?) russa e marcial.

E de há muito é cada obra que estabelece os seus parâmetros, a sua lei. Dizia-o Kahnweiler: Picasso era tão imenso que até implicaria um crítico diferente (diferentes critérios), consoante mostrasse os retratos de Olga ou os de Dora Maar. E não podemos pedir a Eduarda Dionísio que escreva com as determinadas de Maria Velho da Costa, nem a Armando Silva Carvalho que obedeça aos parâmetros de Manuel Gusmão, pois não? Mas é isso o que se passa, essa atenção indispensável ao olhar? Quando um crítico teatral recenseia uma peça e censura ela não oferecer *pathos* (já me aconteceu e foi este ano mesmo), saberá ele que já passaram sécu-

los depois de Diderot o ter renegado da Poética, terá ele visto o espectáculo, saberá que não era previsto haver? Não seria mais claro dizer que era uma pena pois não entrava a Beyoncé (que estava tão prevista com o Pathos...)? Mas na lista de compras do jovem critico faltou esse ingrediente anacrónico: e assim, continuará, feliz ou triste, a ver se aplica a cada obra o teatro (o cinema, a pintura) que um dia quis que existisse, restam-lhe as ilusões, já Balzac lhes chamou perdidas.

Dizia, com a sua imensa malícia, Noel Coward que o critico seria como o eunuco: sabia exactamente como se fazia só que... E eu acrescento, já com mágoa: como o eunuco, o critico tem servido para denunciar ao Poder (estético, politico, financeiro...) qualquer desorientação que considera ver surgir. Quando penso na quantidade de críticos que vi sucederem-se nestes meus quase 40 anos de vida activa! E no medo que instalam nos camarins (“está cá hoje? Logo hoje que passei tão mal a noite!”, etc.). Marginalizados pelos proprietários dos jornais, relegados pelas indústrias discográficas e cinematográficas que dominam os “suplementos culturais”, sufocados pelos “acontecimentos nacionais”, os críticos de teatro foram desaparecendo (e os de artes plásticas, santo Deus! E...?). Alguns aguentam uns anos, outros uns meses (de estágio), benzidos pelos vários Estudos Teatrais ou Curatoriais (!) que pululam pelas Universidades, e mal fazem um nomezinho, é vê-los (já vi mais do que os dedos das duas mãos) passar a empregos fixos, conselheiros de imprensa, integrar júris de financiamento, departamentos estatais, fundações e por aí fora, professores, então, nem imaginam como anda essa nossa única indústria cultural, a dos cursos, cujos directores recrutam, normalmente, quem deles disse bem, é natural (e tão triste).

Bem sei que um copinho de vinho consegue sempre adormecer os Osmins deste mundo, como Mozart tão bem o conta no Rapto, há que usá-lo e o país é vinícola, vá lá.

Haverá sempre um Rastignac nestes críticos provisórios que, do alto dos Prazeres, dirão “Vamos lá a isto, Lisboa!”, como “À nous deux, Paris!” clamou o ambicioso provinciano inventado por Balzac? Pois lembrem-se quem, em 1974-5, exerceu (com inegável qualidade) a crítica teatral no *Diário Popular*? Pois é, vindo dos Açores, licenciado em Germânicas, era o jovem José Eduardo Moniz que nunca mais voltei a ver numa plateia de teatro, mal conseguiu *seguir indo* (ongoing).

Que é um critico hoje? Que pode ser, sozinho e sem norma?

No pós-guerra, em países que se reerguiam, mas também em países sob ditadura, o ensino apoderou-se da crítica. O crítico explicava o que entendia da obra para aqueles milhões de seres que não o liam, na esperança ingénua (e orgulhosa?) de espalhar o bem e o belo, tentava ser claro, apelativo, simpático, regular, criava uma marca e era citado nas badanas dizendo invariavelmente “um grande romance/grande escritor”, etc. Mas agora, com tanto “serviço educativo” em tanta instituição, com o objectivo político sempre apregoado de “angariação de novos públicos”, quem acredita ainda no Bem e no seu cunhado, o Belo?

Sozinho agora perante a obra, nu, no desamparo do mundo, perdido o metro-padrão, sem Aristóteles (o tal do *Pathos*) ou filhos que lhe valham, sem bitola nem mecenas que lhe pague a verificação da encomenda, que pode o critico criar para além do solitário e inquietante ofício público de ir pensando ao mesmo tempo que a obra?

Ir pensando, arrependendo-se, voltando atrás, não se calando, propondo, errando, iluminando, é esse o seu caderno de encargos, ou não seria? E é isso o que vemos, esse pensamento desarmado?

Ou, vilipendiada por todos (e pelos patrões da imprensa e sub-chefes vários) não foi a crítica descendo-descendo-caindo-caindo, absorta no poder que exerce, entediada, melancólica, até ficar, como agora, enteada do Marketing, *copy-paste* de press-releases traduzidos atamadamente (já li o italiano “gioia” traduzido por “jóia”, já li “pés nus” tal-qualmente de “pieds nus” – “descalço” em francês...) e, sobretudo, silêncio, silêncio (quem analisou a exposição de António Sena de há dois anos, na Fundação Vieira da Silva – e não foi das coisas mais pertinentes feitas nesta década?)

Como pode um crítico aceitar a primazia das antevistas (que o destronaram no limitado espaço de imprensa)? Como pode ser ele a fazer as antevistas e, depois, a crítica do mesmo espectáculo? Como pode aceitar que a crítica seja coroada por aquelas estrelinhas que eliminam a argumentação (lembramos: as estrelinhas nasceram, nos *Cahiers* amarelos dos anos 50, num quadro polémico em que 10 críticos diferentes discordavam e propunham a polémica, a discórdia e talvez por essa herança, no cinema ainda se mantém o quadro, nas outras artes é decisão sem agravo, unipessoal como as sociedades de canalizadores)?

É por isso que não gosto dos críticos? Porque desistiram? Porque foram aceitando a sua marginalização, não procuram outros caminhos, aceitam a perda do argumento, prescindem do debate. Porque se foram suicidando, aceitando o inaceitável (em nome de quê)? E me deixaram sozinho, rodeado de silêncio, aplauso ou nem por isso, sem argumento.

Eu queria uma crítica que sabe que nunca será definitiva (embora os espectáculos de teatro não sejam como os livros, que podem ser reabilitados, na URSS ou “do lado de cá”); que sabe que não é juiz (e que é injusta, sim, como Truffaut o foi para com Carné e Bazin com Ford – ou o imenso Tynan para com Rattigan); que sabe que não pode ver todo o novo (como foi que Stendhal, o preclaro, não reparou em Constable, no *Carro de Feno?*), quero uma crítica empenhada, companheira, como vimos nalguns momentos até da nossa História recente (exemplos: Rui Mário Gonçalves e Fernando Pernes para os anos 60-70; Pinharanda para os 80-90), errando e sendo contraditada, filha bem amada da Dúvida e da Conversa, inimiga de todas as Igrejas, musa de Galileu, uma crítica frontal, fraterna (e, não nos esqueçamos, eram irmãos Caim e Abel). Restam-me os artistas, Eduardo Batarda no *Sempre Fixe*, Armando Silva Carvalho escrevendo poesia sobre Fiama, restam-me esses riscos.

A morte (suicídio?) da crítica corresponde ao desaparecimento do debate político, ao empolamento inter-classista dos grandes eventos desportivos ou sazonais, ao silêncio que nos mata, ao espectáculo da discórdia transformado em reality show político ou semi-erótico.

Sonho com uma crítica violenta, parcial, fraterna, injusta se o conseguirem, apaixonada filha da Obra, sua antagonista e companheira, não quero viver sozinho. Mas que fazer, agora que a imprensa é a voz da unanimidade e o sol parece que voltou a girar à volta dos bancos – que já não são dos Medici?

## **Jorge Silva Melo**

Resumo da conferência realizada no Grande Auditório da Culturgest a 26 de Setembro de 2011